

# BOLETIM DE CONJUNTURA

78

# 2014

## 3º TRIMESTRE

preços de venda

carteira de encomendas

estado dos negócios

tendências

produção e utilização da capacidade

pessoas ao serviço

**A P I C C A P S**

ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

O terceiro trimestre de 2014 correu positivamente à indústria portuguesa de calçado, acima das expectativas formuladas no final do trimestre anterior: a produção aumentou e as encomendas estabilizaram; as empresas fazem uma apreciação positiva do estado dos negócios e continuam a recrutar pessoal.

O abastecimento em matérias-primas continua no cerne das preocupações do setor, a par das preocupações comerciais com a angariação de encomendas de clientes estrangeiros. No contexto favorável que a indústria tem vindo a atravessar, continua também a aumentar o número de empresas que se confrontam com dificuldades para encontrar pessoal qualificado.

As empresas inquiridas anteveem um final do ano menos favorável, com uma tendência de redução da produção e encomendas, mas preveem que o estado dos negócios continue satisfatório.

Publicação Trimestral editada pela



ASSOCIAÇÃO PORTUGUESA DOS INDUSTRIAIS DE CALÇADO  
COMPONENTES E ARTIGOS DE PELE E SEUS SUCEDÂNEOS

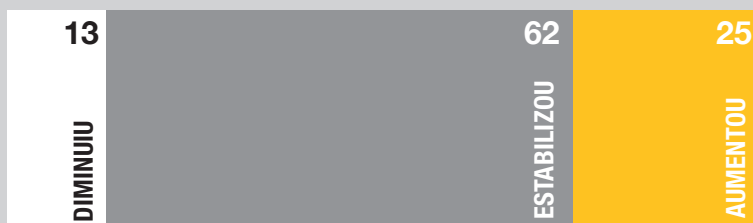
Com o apoio do programa COMPETE

**Coordenação Técnica**

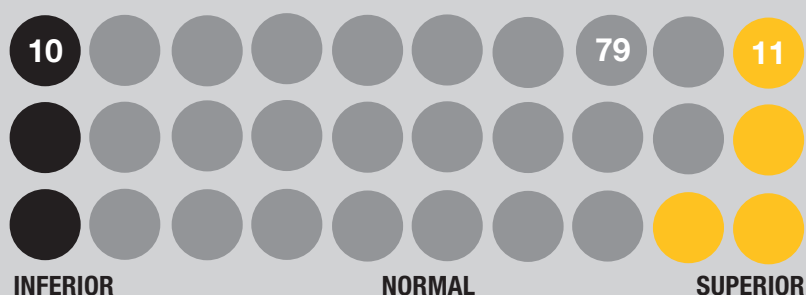
CEGEA - Centro de Estudos de Gestão e Economia Aplicada da  
Universidade Católica Portuguesa, Porto

# Produção

O terceiro trimestre correu melhor do que as empresas esperavam, em matéria de produção: quase dois terços dos inquiridos (62%) afirmam que a produção permaneceu estável e, entre os restantes, o saldo entre os que registaram aumentos e diminuições da produção (saldo de respostas extremas: s.r.e.) foi positivo em 12 pontos percentuais (p.p.). Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este saldo encontra-se agora ao nível mais alto dos últimos três anos. Contudo, entre as empresas mais pequenas, com menos de 50 trabalhadores, foi negativo.



# Utilização da Capacidade



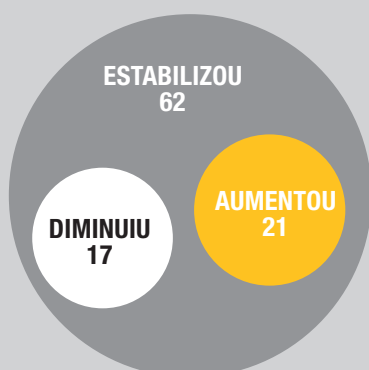
Pela primeira vez nos últimos quatro anos, há mais empresas a afirmar que a utilização da sua capacidade produtiva excede o normal para a época do ano do que a dizer o inverso (s.r.e. +1 p.p.). Quatro em cada cinco empresas consideram, contudo, que a situação se mantém dentro de padrões de normalidade. Os níveis de utilização da capacidade tendem a ser mais elevados nas empresas que menos se dedicam ao fabrico de coleção própria.

# Carteira de Encomendas

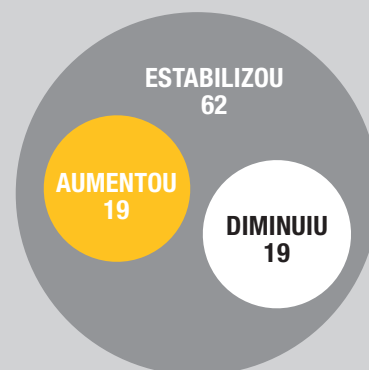
Também as encomendas evoluíram de forma mais favorável do que previsto pelas empresas no final do trimestre anterior: embora os inquiridos previssem o oposto, foram mais as empresas a registar um aumento do que uma diminuição das encomendas (s.r.e. +4 p.p.), enquanto 62% dizem que a carteira permaneceu inalterada. As encomendas do estrangeiro estabilizaram, sendo as empresas que registaram um aumento em

número idêntico ao das que sofreram uma diminuição. Este resultado é, ainda assim, mais favorável do que as previsões negativas que os inquiridos tinham formulado anteriormente. Também neste aspeto, as empresas com menor peso de coleção própria nas vendas se manifestam mais favoravelmente e as pequenas empresas mais desfavoravelmente do que as restantes

CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



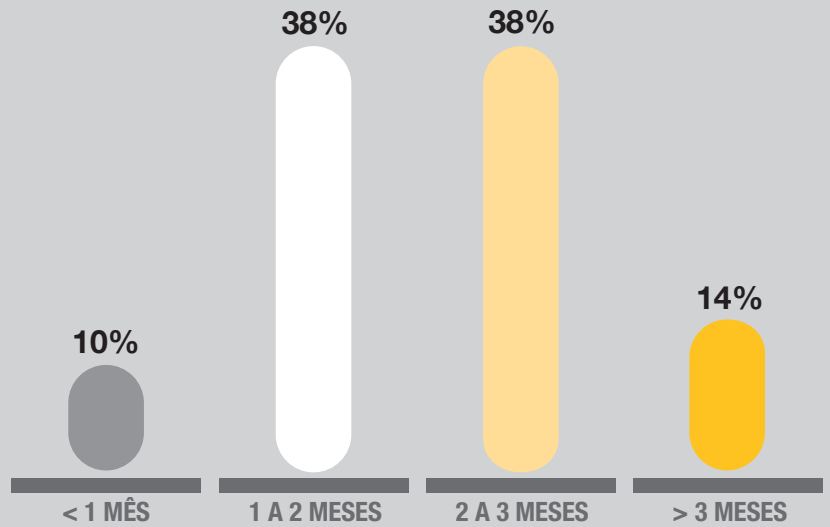
CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO



# Horizonte

## PRODUÇÃO ASSEGURADA POR ENCOMENDAS

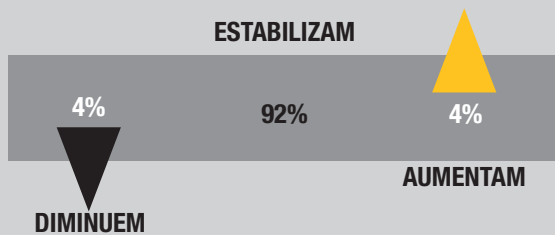
Em consequência deste comportamento das encomendas, o tempo de produção assegurada pela carteira alongou-se ligeiramente: a percentagem de empresas que têm dois ou mais meses de trabalho garantido passou de 47% para 52% e a das que têm mesmo mais de três meses de 7% para 14%. Neste domínio, a situação é tendencialmente mais favorável entre as maiores empresas e entre as mais orientadas para os mercados externos.



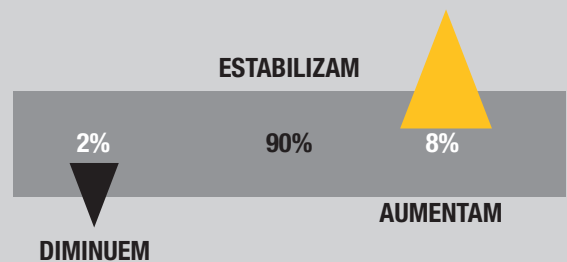
# Preços

Cerca de nove em cada dez empresas declaram que, durante o terceiro trimestre, os preços estabilizaram, tanto em Portugal como no estrangeiro. Contudo, enquanto em relação a Portugal há uma igualdade entre as empresas que apontam para a subida e a descida dos preços, relativamente ao estrangeiro as primeiras excedem as segundas em 6 p.p., iniciando uma tendência de ajustamento em alta.

## EM PORTUGAL



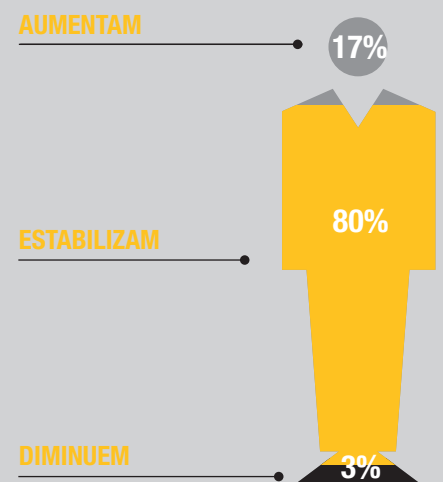
## NO ESTRANGEIRO



# Pessoas ao serviço

## EVOLUÇÃO DO EMPREGO

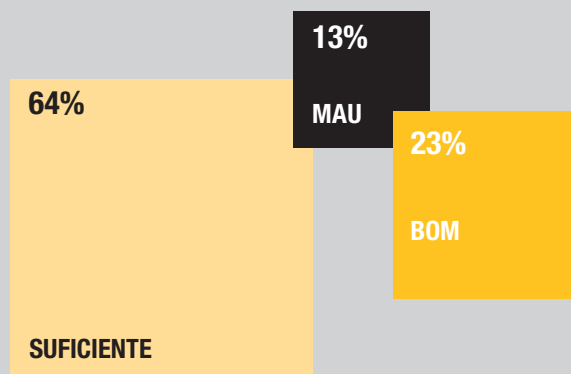
Pelo sétimo trimestre consecutivo, as empresas que dizem ter aumentado o número de pessoas ao seu serviço excedem as que dizem tê-lo reduzido, sendo agora o saldo de respostas extremas de +14 p.p. Este saldo é mais favorável entre as empresas mais orientadas para os mercados externos. Corrigidos os efeitos da sazonalidade, este indicador encontra-se agora ao nível mais elevado desde que, em 1995, a APICCAPS iniciou a publicação deste boletim de conjuntura.



# Estado dos negócios

Pelo sétimo trimestre consecutivo, o saldo de respostas extremas relativamente ao estado de negócios mantém-se positivo (+10 p.p.), igualando a série mais longa anteriormente registada. O atual s.r.e. superou o que resultava das previsões formuladas no final do trimestre anterior. A maioria das empresas (64%) mostram-se comedidas na apreciação da conjuntura, no entanto, considerando que o estado dos negócios é apenas suficiente.

O panorama é semelhante quando a apreciação é feita por comparação com o trimestre homólogo de 2013: as empresas que o estado dos negócios foi agora melhor excedem em 12 p.p. as que pensam que foi pior, enquanto 60% das empresas consideram que a situação permanece sensivelmente inalterada.



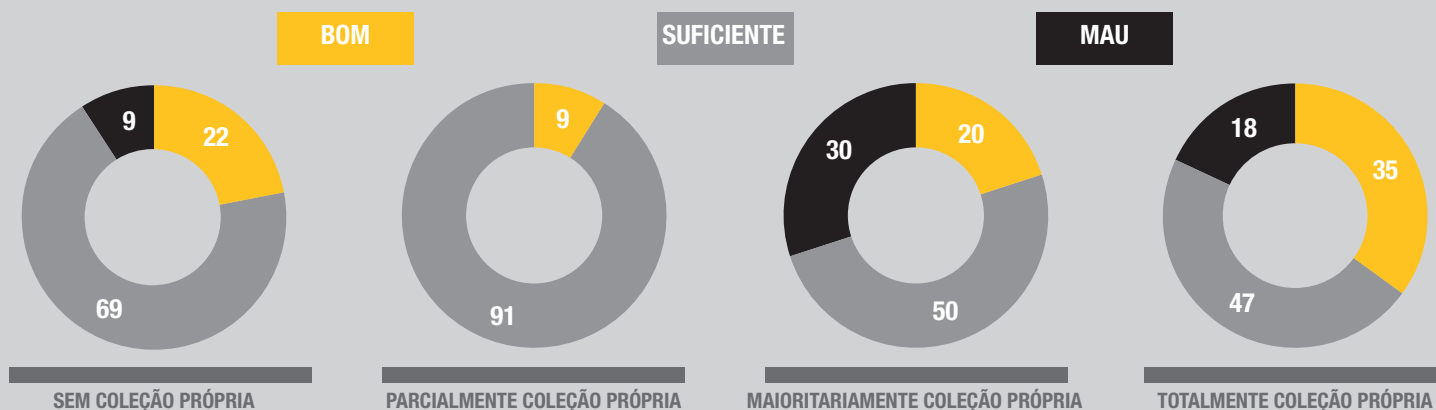
## PERÍODO HOMÓLOGO



## I.I. - Estado dos negócios por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas

Ao contrário do que acontecia no 2º trimestre, a apreciação sobre o estado dos negócios não apresenta agora relação significativa com o peso da coleção própria nas vendas: embora o s.r.e. seja positivo entre as empresas sem coleção própria (+13 p.p.) é ainda mais positivo entre as que apenas vendem coleção própria (+17 p.p.). Não há também relação óbvia entre apreciação do estado dos negócios e

dimensão ou orientação exportadora: embora as empresas de muito grande dimensão (acima de 250 trabalhadores) sejam as mais otimistas, as de grande dimensão são as mais pessimistas; e as que não exportam ou exportam a totalidade da produção são menos otimistas que as restantes.



# Limitações à produção

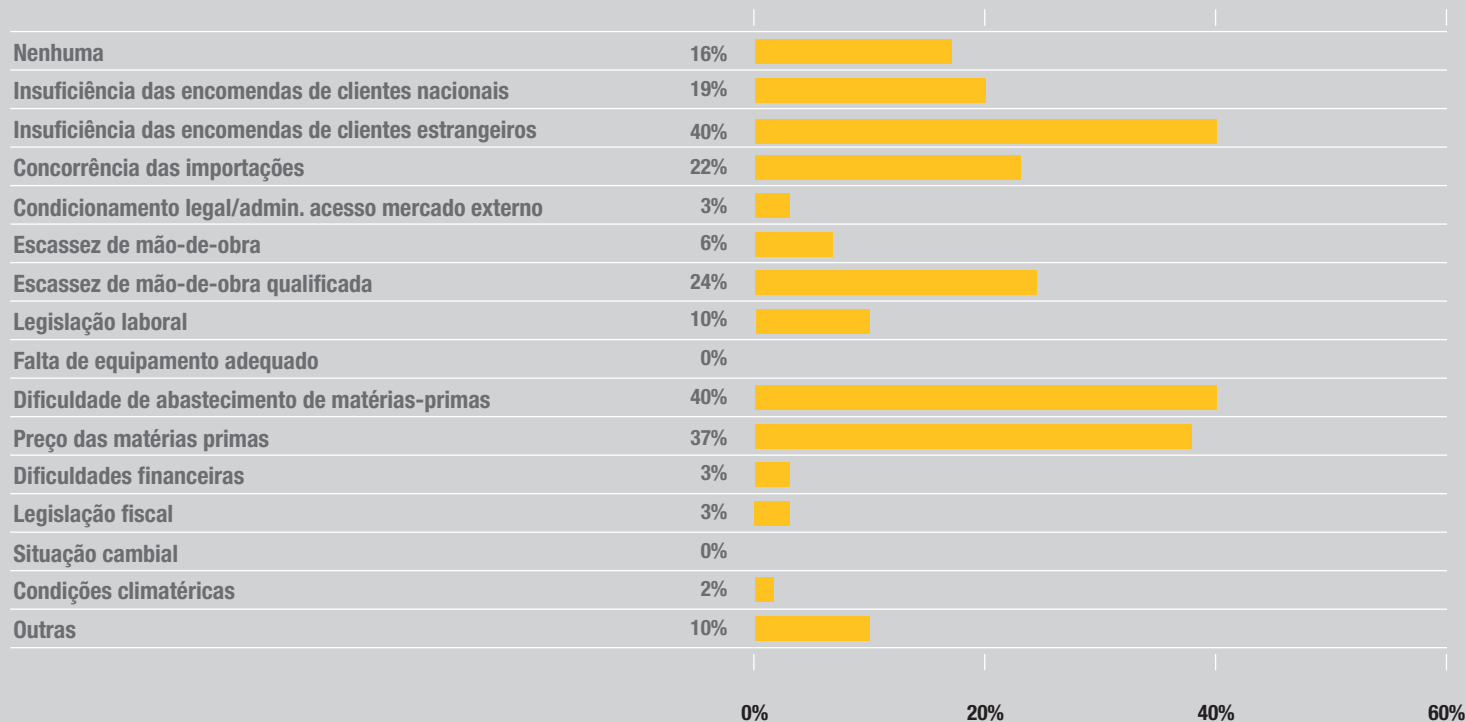
As respostas dos inquiridos mostram que as matérias-primas se encontram agora no centro das preocupações da indústria de calçado: a percentagem de empresas que declararam sentir dificuldades no abastecimento aumentou de 23%, no segundo trimestre, para 40%, no terceiro, igualando a insuficiência de encomendas do estrangeiro no topo das limitações à produção mais mencionadas. Em contrapartida, as referências ao preço das matérias-primas atenuaram-se ligeiramente, de 42% para 37%.

A situação no mercado de calçado constitui o segundo núcleo fundamental de preocupações. Como referido, 40% das empresas afirmam defrontar insuficiência de encomendas do estrangeiro, percentagem que não se

alterou face ao trimestre anterior. Verificaram-se, no entanto, ligeiros aumentos nas referências a insuficiência de encomendas de clientes nacionais (de 18 para 19%) e à concorrência das importações (de 21 para 22%).

O elevado nível de atividade que as empresas têm registado, com o conseqüente reforço dos recursos humanos ao seu serviço, explicam que um terceiro núcleo de preocupações se centre na mão-de-obra: embora só 6% das empresas diga debater-se com escassez de mão-de-obra, a percentagem das que dizem ter escassez de mão-de-obra qualificada aumentou de 16 para 24%, sendo esta a quarta dificuldade mais referida.

Com 10% de referências, a legislação laboral é o mais mencionado dos restantes tipos de dificuldades, a par de “outras dificuldades” não especificadas. Fruto da aumento das referências às dificuldades de abastecimento em matérias-primas e à escassez de mão-de-obra qualificada, a percentagem de empresas que dizem não enfrentar nenhuma dificuldade caiu significativamente, de 23 para 16%, um nível historicamente baixo. A inexistência de dificuldades é tanto mais frequente quanto maior a dimensão e orientação exportadora dos inquiridos.



# Tendências da produção

O prolongado período favorável de que a indústria tem beneficiado começa a gerar, nalguns inquiridos, preocupações quanto à sua sustentabilidade. Por isso, embora dois terços das empresas acreditem que, no

último trimestre de 2014, a sua produção vá permanecer inalterada, entre as restantes, as que receiam uma diminuição superam claramente as que anteveem um crescimento adicional, gerando um s.r.e. de -17 p.p.

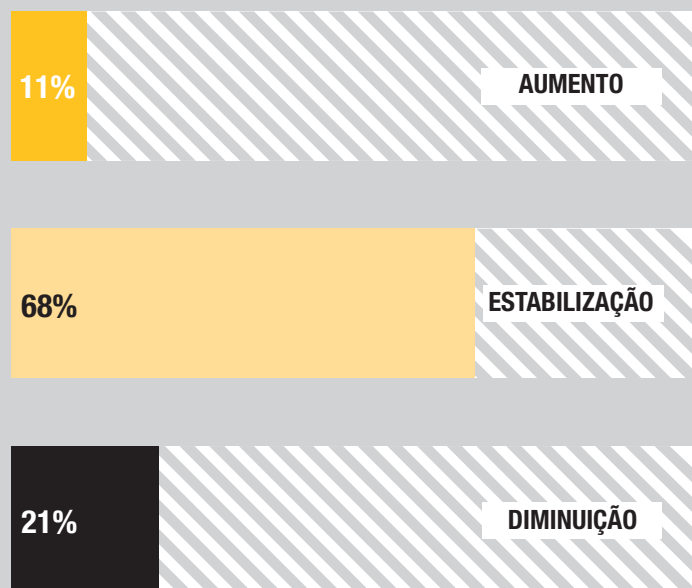


# Perspectivas de encomendas

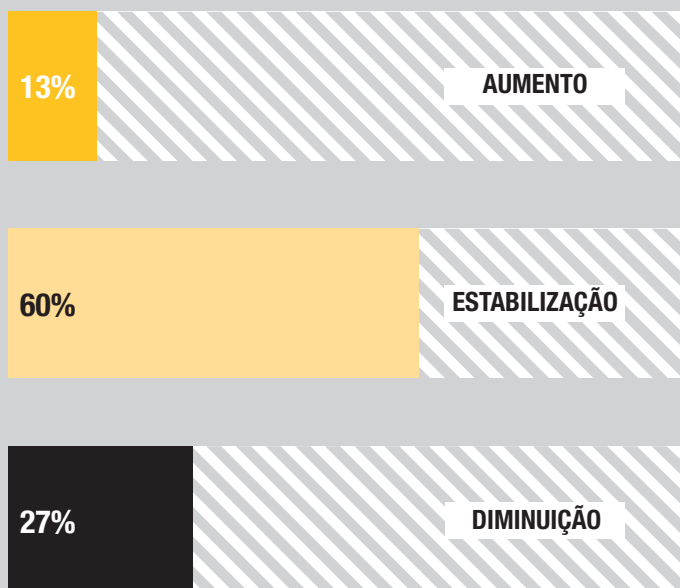
As previsões relativas à carteira global de encomendas são semelhantes, com 68% das empresas a apontarem para a sua estabilidade e as que receiam a sua diminuição a superarem as que acreditam num aumento, embora por margem menor do que no caso da produção (s.r.e. -10 p.p.). Relativamente às encomendas do estrangeiro, as empresas que apontam para a estabilidade são também

a maioria (60%), embora haja um maior número a recear a diminuição do que o aumento, levando a um s.r.e. de -14 p.p. As muito grandes empresas (mais de 250 trabalhadores) desviam-se do tom geral das previsões, mantendo-se otimistas.

PREVISÃO CARTEIRA GLOBAL DE ENCOMENDAS



PREVISÃO CARTEIRA DE ENCOMENDAS DO ESTRANGEIRO

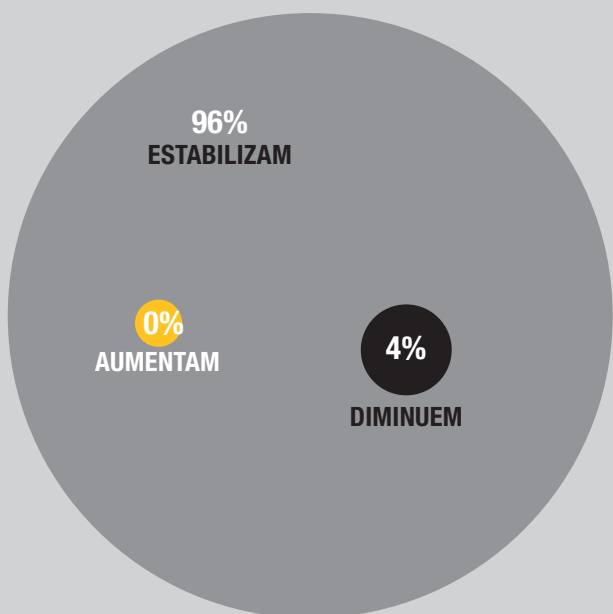


# Perspetivas de preços de venda

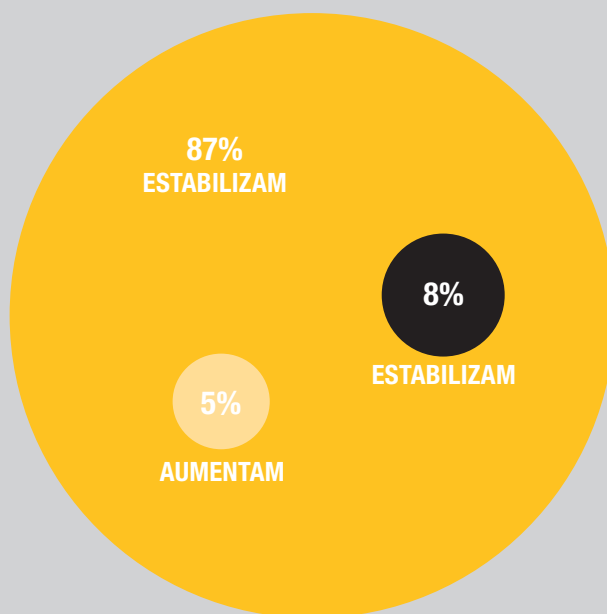
Quanto aos preços em Portugal, há uma quase unanimidade em que permanecerão estáveis. As poucas opiniões de sentido diferente apontam para a sua descida, gerando um s.r.e. de -4 p.p. Relativamente aos preços no estrangeiro, há também uma larguíssima maioria (87%) de

opiniões que apontam para a estabilidade. As empresas que discordam dividem-se entre as opções de aumento e diminuição mas o saldo de respostas extremas (-3 p.p.) é semelhante ao que se verifica para o mercado português.

PREVISÃO DE PREÇOS EM PORTUGAL

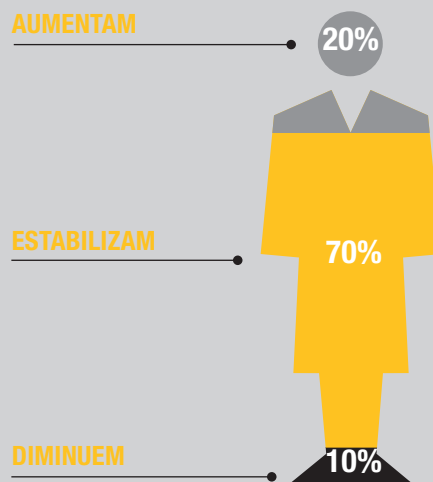


PREVISÃO DE PREÇOS NO ESTRANGEIRO



# Perspetivas sobre o emprego

As dúvidas das empresas relativamente ao próximo trimestre não põem em causa as suas perspetivas de longo prazo: por isso, a maioria (70%) declara a intenção de manter os seus níveis de emprego e as que o pretendem reforçar continuam a exceder largamente (+10 p.p.) as que planeiam diminuir-lo. Embora estas perspetivas favoráveis sejam generalizadas, é de destacar que todas as empresas com mais de 250 trabalhadores declararam prever o aumento do número de pessoas ao seu serviço.



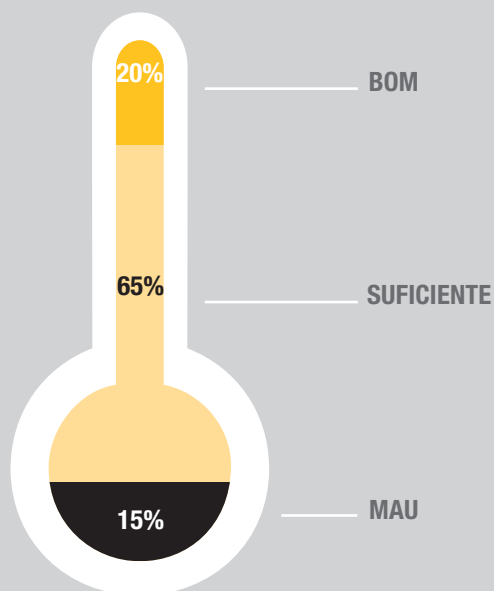


# Perspetiva sobre o estado dos negócios

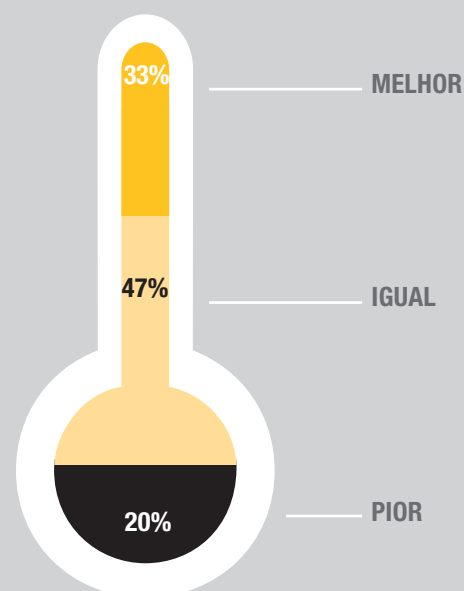
Dois terços das empresas preveem que o estado dos negócios no último trimestre do ano permaneça suficiente. As que acreditam que será bom superam em 5 pontos percentuais as que julgam que será mau, sendo este o sétimo trimestre consecutivo em que as previsões se mantêm positivas.

As respostas dos inquiridos são mais polarizadas quando se lhes pede que comparem o estado de negócios esperado nesta parte final de 2014 com o que se registava há um ano atrás: embora 47% julguem que a situação permanecerá inalterada, 33% acreditam que será melhor e só 20% que será pior, gerando portanto um saldo positivo de 10 p.p.

PERÍODO HOMÓLOGO



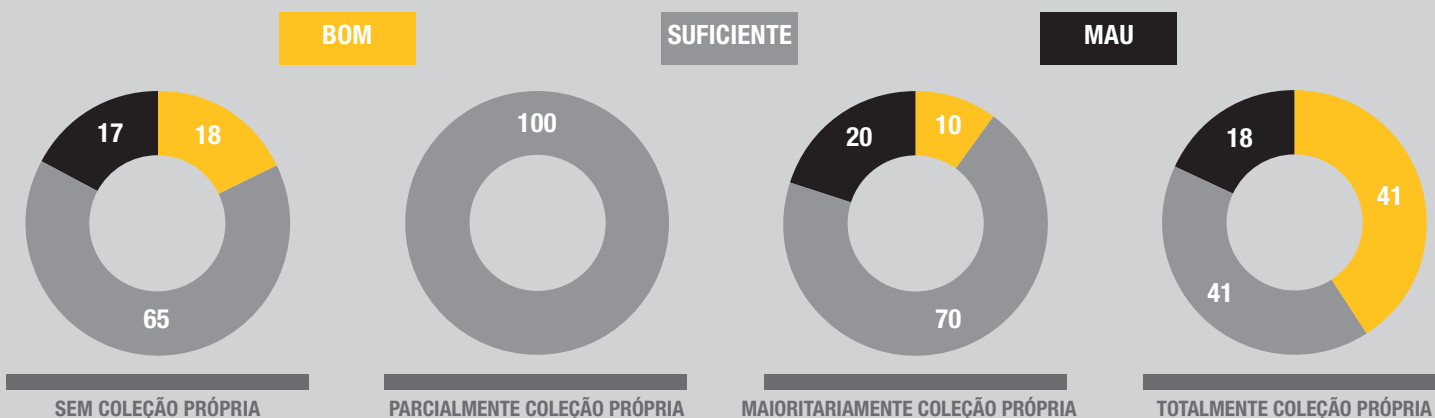
PREVISÃO



## Apuramento dos resultados

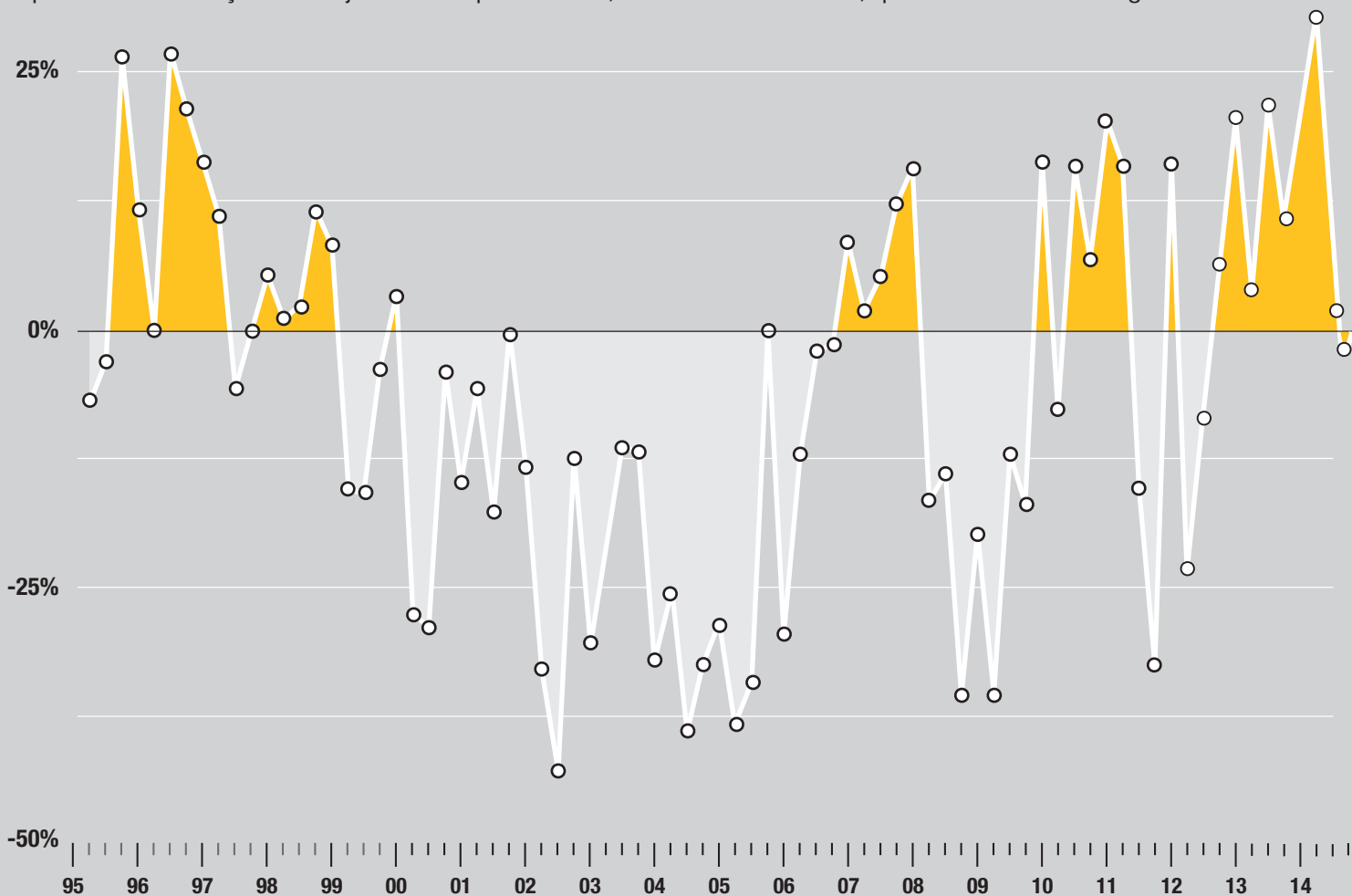
**Apuramento dos resultados por dimensão da empresa, orientação de mercado e peso da coleção própria nas vendas.**

As empresas que vendem exclusivamente coleção própria são as que se mostram mais otimistas quando ao estado dos negócios (s.r.e. +23 p.p.) mas não há uma relação linear entre a aposta na coleção própria e essa expectativa: é entre as que vendem maioritariamente, mas não exclusivamente, coleção própria que se encontra o saldo de respostas extremas mais desfavorável (-10 p.p.).



# Indicador de Síntese Expectativas Empresariais

Embora as previsões relativas ao emprego e ao estado dos negócios se mantenham positivas, as previsões pouco otimistas relativamente à produção, às encomendas e aos preços resultaram numa nova descida do indicador síntese de expectativas empresariais que é agora ligeiramente negativo, embora muito próximo de zero, sinalizando uma possível deterioração da conjuntura. É a primeira vez, nos últimos dois anos, que este indicador é negativo.



Para o próximo trimestre, as empresas esperam um agravamento das dificuldades relacionadas com insuficiência de encomendas de clientes estrangeiros: 46% dos inquiridos acreditam que, até ao final do ano, terão problemas dessa natureza, quando só 40% disseram tê-los sentido no trimestre passado. As empresas sem coleção própria são as que mais se referem a esta dificuldade. As previsões apontam para algum abrandamento das dificuldades de

abastecimento em matérias-primas, referidas por 32% dos inquiridos, mas para um agravamento dos problemas decorrentes do seu elevado preço (41%). Quanto às restantes dificuldades sobre as quais são inquiridas, as empresas não esperam alterações significativas do terceiro para o quarto trimestre do ano.

---

# Notas de Conjuntura

O Orçamento de Estado para 2015 foi recentemente apresentado. O cenário macroeconómico subjacente admite que o Produto Interno Bruto português crescerá 1,5%, em 2015, com o consumo privado a aumentar 2% e as exportações 4,7%. A Comissão Europeia e o Fundo Monetário Internacional apresentaram previsões semelhantes, embora ligeiramente inferiores: as suas expectativas são de um crescimento para o PIB de 1,3% e 1,2%, respetivamente, de 1,5% e 1,6% para o consumo privado e de 4,6% e 4,5% para as exportações. Ou seja, estas previsões apontam de forma consensual para um crescimento lento da economia, alguma recuperação do consumo privado em Portugal e um dinamismo significativo das exportações mas já não aos ritmos conseguidos em anos recentes.

As previsões de outono da Comissão Europeia para a economia da UE em 2015 são muito cautelosas, apontando globalmente para um crescimento do PIB de 1,3% no conjunto da UE e de 0,8% na área euro:

“A recuperação na União Europeia parece particularmente débil, não apenas em comparação com as outras economias avançadas mas também com os exemplos históricos de recuperações após crises financeiras, apesar de estas terem sido também tipicamente lentas e frágeis. (...)”

Entre os maiores Estados Membros, o crescimento na Alemanha parou mas espera-se que retome gradualmente, apoiado num mercado de trabalho robusto e no fortalecimento da procura externa, enquanto se prevê que o investimento empresarial retome de forma hesitante. Prevê-se que a economia francesa registre apenas um crescimento muito lento em 2015, confrontada com um ritmo de consumo privado contido e investimento ainda em contração. Em Itália, prevê-se que o crescimento do PIB passe a positivo no início do próximo ano, porque se espera que o fortalecimento da procura puxe uma recuperação que permanece frágil. Em Espanha, prevê-se que o PIB cresça, apoiado no aumento do emprego e na melhoria das condições financeiras. (...) Fora da área euro, o Reino Unido deve registar um crescimento robusto, à medida que tanto o consumo como o investimento se expandem a ritmo elevado. O crescimento na Polónia abrandou devido a uma procura externa mais fraca mas o consumo deve ainda suportar uma expansão saudável. (...)”

Ao longo do horizonte das previsões, a procura interna deve beneficiar crescentemente de condições monetárias muito acomodáticas, baixos custos de financiamento, condições de oferta de crédito mais favoráveis, menores necessidades de desalavancagem e de uma política fiscal tendencialmente neutra na UE. (...)”

A esperada aceleração do comércio global e a depreciação do euro devem ambas suportar as exportações da UE.”

Comissão Europeia, European Economic Forecast – Autumn 2014, novembro 2014\*

A OCDE publicou no passado mês de outubro o seu Relatório Económico sobre Portugal.

“Prevê-se um crescimento da economia de cerca de 0,8% em 2014, com um crescimento posterior a aumentar gradualmente. As exportações continuarão a conduzir a recuperação à medida que se assiste a uma retoma do crescimento nos mercados de exportação de Portugal, em especial na área do euro. (...) A continuação necessária da consolidação orçamental, os níveis elevados da dívida do setor privado e a elevada taxa de desemprego travam a procura interna. Porém, a taxa de desemprego continuará a cair progressivamente e o emprego vai aumentar. Uma vez que a capacidade ociosa continua e continuará a ser considerável, a inflação deve manter-se muito baixa. (...)”

Antes da crise, os recursos eram excessivamente atraídos para setores não transacionáveis protegidos, caracterizados frequentemente por uma baixa concorrência. Tal incentivou as rendas económicas e pressões salariais, bem para além da evolução da produtividade, o que provocou o desgaste da competitividade internacional e dos resultados das exportações. As exportações têm registado um fortalecimento desde 2010. Será necessário continuar a reequilibrar a economia no sentido do setor transacionável e será necessário reforçar os resultados das exportações para apoiar o crescimento e criar mais emprego. (...) Melhorar a inovação, a qualidade e a atribuição de marcas às exportações irá permitir a Portugal aumentar ainda mais o conteúdo de valor acrescentado das suas exportações.”

OCDE, Economic Survey of Portugal 2014, outubro 2014\*

\*Tradução nossa

**PORTU  
GUESE  
SHOES**  
DESIGNED BY  
THE FUTURE

